

O avesso do avesso: o discurso do narrador sobre as mulheres em *A relíquia*

*Daiane Cristina Pereira**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Este trabalho tem por objetivo analisar o discurso do narrador Teodorico, de *A relíquia* (1887), tentando entender como ele manipula a opinião formada pelo senso comum sobre as mulheres, a fim de construir uma imagem negativa das figuras femininas do romance. Tendo como foco principal as personagens de Adélia, Miss Mary e de Titi, a sr. D. Patrocínio das Neves, pretendemos observar como, através de uma linguagem da degradação e da culpabilização, o narrador constrói uma imagem de interesse monetário das amantes e uma imagem horrenda da senhora, ao mesmo tempo em que se coloca como vítima indefesa das atitudes delas. Acreditamos assim que Eça de Queirós, além de demonstrar a visão estereotipada sobre a mulher solteira, que existia no século XIX e ainda hoje existe, manipularia essas informações com a finalidade de, ironicamente, mostrar a visão interessada do narrador.

Palavras-chave: mulher solteira, imagem de figuras femininas, século XIX.

1. Considerações iniciais

Muitas das personagens femininas de Eça de Queirós são apresentadas de forma especialmente negativa, seja por seus aspectos físicos, apelando para um certo grotesco e para a falta de atrativos sexuais, seja por seus aspectos psicológicos, tais como sua capacidade de manipulação, inveja, ou ainda, hipocrisia religiosa. Desde D. Josefa, passando por Juliana, desembocando

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

em Titi, do livro a ser estudado, as características negativas dessas personagens são manifestas, ainda que muitas vezes o narrador de cada livro as coloque como decorrentes do meio social e da classe a que elas pertencem, o que as tornam mais aceitáveis aos olhos do leitor. No entanto, o quadro de *A relíquia* nos parece diferente, já que temos nesse livro um narrador em primeira pessoa, responsável pela construção da narrativa. Portanto, a opinião que se apresenta nesse livro é construída de forma mais complexa, pois além de apresentar a narrativa expressamente pessoal do narrador, pode ter a intenção de convencer o leitor sobre algum ponto de vista específico, sobre alguma forma específica de ver o mundo.

Não negamos a força das personagens de Titi, Adélia e Miss Mary. Sobre a primeira podemos dizer que seu poderio econômico e simbólico frente às personagens masculinas do livro é um dos maiores dentro da obra queiro-siana. Entretanto, neste trabalho, desejamos demonstrar como Teodorico Raposo, o narrador e principal personagem de *A relíquia*, manipula a opinião formada sobre as mulheres, principalmente as solteiras, construindo uma imagem negativa das personagens femininas. Mediante tal objetivo, desejamos responder também a algumas perguntas, ou seja, quais os motivos que levam o narrador a constituir uma imagem negativa dessas personagens? Será que, para ele, as mulheres possuem uma natureza realmente negativa, como se pensava no século XIX, e ainda hoje muitos pensam, ou existe uma intenção subjacente à construção das personagens femininas que aparecem na narrativa de Teodorico?

Essas perguntas surgiram quando pensamos no trabalho de Helen Caldwell, o célebre livro *O Otelo brasileiro de Machado de Assis* (2002), no qual ela, entre outras coisas, mostra como o narrador Bento Santiago, servindo-se de artifícios retóricos próprios da área do Direito, tentaria convencer o leitor de que Capitu, sua esposa, é culpada de adultério. Desse modo, refletimos que Teodorico, assim como Bentinho, é advogado de formação, o que nos faz pensar que, talvez, utilizando-se de argumentos que o senso comum reputava às mulheres, principalmente às solteiras, tais como a ganância desmesurada, a pretensa falsidade, o apetite sexual elevado ou a completa falta dele, assim como a religiosidade desmedida, o narrador se coloca como vítima de Adélia, Miss Mary e D. Patrocínio das Neves, mas também argumenta em favor das atitudes hipócritas que toma em favor de satisfazer a luxúria e a ambição que tomam conta de sua personalidade. É como que se se desfazendo das mulheres, o narrador justificasse suas escolhas mais baixas e hipócritas. Programaticamente, é a atitude descrita pela célebre frase do narrador,

o “descarado heroísmo de afirmar” (Queirós, 2001, p.344) que se repete nessa situação.

Para tentarmos resolver tais questões, é preciso levar dois pontos em consideração. Em primeiro lugar, precisamos entender melhor a situação das mulheres solteiras no século XIX. A condição dessas mulheres é dúbia, pois ao mesmo tempo que possuem maior liberdade civil, maior disposição para escolher seus trabalhos e mesmo escolher a quem dispensam sua atenção afetiva, sua identidade é marcada por etiquetas advindas da precariedade da situação dessa mulher que escolhe não se casar, em um século em que o casamento é uma das únicas funções sociais que são atribuídas a ela: são vistas como solteironas virgens ou *femmes fatales* dilapidadoras de homens. Como diz Cécile Dauphin, no capítulo “Mulheres Sós”, do volume IV da *História das Mulheres no Ocidente*:

Virago, lésbica, amazona, puta “grisette”, “meia azul” ... As conotações pejorativas da mulher sozinha não têm fundamento real e circulam em toda a cultura ocidental. Mas a construção literária da solteirona e o uso banalizado do estereótipo pertencem exclusivamente ao século XIX. Nunca em qualquer outra época, nem para outro sexo, se inventaram tantos discursos sobre a sua fisionomia, a sua fisiologia, o seu carácter ou a sua vida social. A partir do momento em que se perfila um retrato de mulher só, não há registro que faça referência a um desvio relativamente ao ideal feminino, ideal definido por um estatuto jurídico, uma concepção do amor, um determinismo biológico e um código de beleza feminina. (Dauphin, 1991, p.492)

Como podemos ver, esses estereótipos se cristalizaram no século XIX, e uma série de discursos foram produzidos sobre eles, tornando-os peças-chave na representação das mulheres. Dessa maneira, Eça de Queirós, através de seu narrador Teodorico, estaria se apropriando desses discursos negativos para a construção das personagens femininas, de modo que fossem condizentes com aquilo que seus leitores esperavam. No entanto, não acreditamos que o faça impunemente e eis que se apresenta a nossa segunda questão. Como afirmamos acima, acreditamos que o narrador Teodorico esteja interessado em convencer o leitor de seu ponto de vista e, mais ainda, convencer seus leitores ideais da ‘pessoa’ que ele é no momento da enunciação. Assim, focando-se numa construção negativa das personagens de Titi, Adélia e Miss Mary, o narrador se colocaria como vítimas dessas mulheres. Para fundamentar aquilo que dizemos, trazemos aqui um trecho dos *Estudos Queirosianos*, de Carlos Reis, ainda que no trecho o autor não fale especificamente da construção das personagens femininas pelo narrador:

A construção do relato obedecerá, pois, a um duplo intuito: de autojustificação e de persuasão moral e ideológica. Assim, os incidentes picarescos de uma vida feita de duplicidades não se esgotam no que têm de lúdico e burlesco; explorando a vertente pragmática do relato, o narrador inculcará a esses incidentes uma dimensão perlocutiva, exercida, como é óbvio, sobre um destinatário que importa convencer. (Reis, 1999, p.118)

Devemos deixar claro desde já, que não consideramos que as personagens que analisaremos, ou seja, Adélia, Miss Mary e D. Patrocínio das Neves, sejam isentas de problemas morais. No entanto, achamos que ao interpretá-las através da representação que o narrador nos faz delas, podemos entender como Eça de Queirós mimetiza aquilo que era escrito e dito sobre as mulheres no século XIX, caracterizado por um olhar quase sempre androcêntrico. Podemos também constituir uma imagem do narrador Teodorico, que estaria interessado em convencer seus ‘concidadãos’ da burguesia liberal (Reis, 1999, p.123) de suas posições frente ao mundo e às ideias do século XIX, mas também a sua aparente incapacidade de reagir frente às atitudes das mulheres. Como nos diz Francisco Dantas:

De maneira que escrever as suas memórias é o expediente mais apropriado do que a vítima, hoje comendador, proprietário e alma redimida, escolhe para confessar, na boa índole cristã do liberalismo, o rol de estratégias – a política das aparências, a hipocrisia, a falsa moral – de que se muniu para encarnar diante da tia, o modelo de católico exemplar, de modo que ela o elegeisse, e não a Cristo, herdeiro de todos os seus bens. (Dantas, 1999, p.284)

Dessa maneira, observar como o narrador de *A relíquia* constrói as personagens femininas permite muito mais do que identificar a mimetização dos discursos sobre a mulher na segunda metade do século XIX, mas também reconhecer um discurso de convencimento que, invertendo a lógica das relações entre os gêneros, coloca o narrador como vítima de uma ordem estabelecida pelo dinheiro e pelo Cristianismo, representados nas relações entre ele e as mulheres, com a finalidade de esconder seus deslizes e ‘suas relaxações’, assim como convencer seus parceiros de nova classe de que é digno dela.

Tendo tudo isso em vista, passemos a análise das personagens, mais sucintamente de Adélia e Miss Mary e mais detalhadamente de D. Patrocínio das Neves, a Titi.

2. Adélia e Miss Mary

Teodorico se coloca no romance como a grande vítima das mulheres, da luxúria que elas provocam e do poder sexual e monetário que elas possuem. Objetos amorosos do narrador, as personagens de Adélia e Miss Mary são faces da mesma moeda dentro da construção do romance. Ainda que bastante belas e atraentes, estranha-se que a construção de ambas seja bastante esquemática, como se se tratasse de uma convenção, como aponta Francisco Dantas (1999, p.277). Tanto uma quanto outra respondem a um ideal de beleza e entrega amorosa bastante comum no século XIX, aquele da mulher lânguida, branca, loura, sentimentalmente disponível, respondendo não só ao desejo do narrador, mas a um ideal do leitor. Vejamos, por exemplo, a descrição do primeiro encontro de Teodorico com Miss Mary, no qual podemos vê-la pela primeira vez:

O que me prendeu logo foram os seus olhos azuis-claros, de um azul que só há nas porcelanas, simples, celestes, como eu nunca vira na morena Lisboa. Mas encanto maior ainda tinham os seus cabelos, crespos, frisadinhos como uma carapinha de ouro, tão doces e finos que apetecia ficar eternamente e devotamente a mexer-lhe os dedos trêmulos; e era irresistível o profano nimbo luminoso que eles punham em torno da face gordinha, de uma brancura de leite, toda tenra e suculenta. Sorrindo, e baixando com sentimentos as pestanas escuras, perguntou-me se eu queria *pelica* ou *Suécia*.

Eu murmurei, roçando-me sofregamente pelo balcão:

– Trago-lhes recadinhos do Alpedrinha.

Ela escolheu entre o ramo um tímido botão de rosa, e deu-mo na ponta dos dedos. Eu trinquiei-o, com furor. E a voracidade desta carícia pareceu agradar-lhe, porque um sangue mais quente veio foguear-lhe a face – e chamou-me baixo, “mauzinho”! Esqueci São José e a sua jaculatória – e as nossas mãos, um momento unidas para ela me calçar a luva clara, não se desenlaçaram mais, nessas semanas que passei, na cidade dos Lágidas, em festivas delícias mulçumanas. (Queirós, 2001, p.117–118)

Como podemos ver, a descrição de Miss Mary, bastante parecida com a de Adélia (e também da inglesa do barão e da inglesa que encontra em Jerusalém), ainda que bastante sensual, remete ao aspecto virginal, celeste, algo eclesiástico de sua beleza, correspondendo ao ideal da mulher anjo, constituindo-se tanto como um ideal romântico de mulher, como uma referência religiosa, apontando para o caráter dúbio da personalidade de Teodorico e dos encontros que ele procurava. No entanto, o narrador não esconde a aparente malícia da personagem através do trecho, “sorrindo, e baixando com

sentimentos as pestanas escuras, perguntou-me se eu queria *pelica* ou *Suécia*”, onde ao mesmo tempo que se tem as marcas de pudor através do baixar das pestanas, se estabelece a natureza comercial das relações entre Teodorico e Miss Mary, como se o oferecimento de trocas sexuais estivesse escondido sob a venda das luvas.

Além disso, existe um aumento dessa malícia, fazendo o texto adentrar ainda mais em aspectos lascivos, com palavras que remetem à voracidade com que Teodorico responde ao aparente inocente oferecimento da rosa, bem como a atitude algo fetichista dela ao chamá-lo de “mauzinho”. Tudo isso acontece em detrimento da religião, a qual ele hipocritamente ainda tenta se ligar, mostrado pelo abandono da jaculatória a S. José, portanto, abandono dos ideais da tia, salientando ainda mais o viés satírico e carnavalesco da situação. Dessa maneira, o narrador constrói um jogo entre amor e luxúria, virginal e infernal, religiosidade e malícia que o atrai, mas que também ajuda a caracterizar as personagens femininas como enganadoras, já que não responderão necessariamente ao modelo de pureza esperada delas, mas, ao mesmo tempo, vemos subjacente a intenção amorosa do narrador, escondendo e mostrando o seu lado hipócrita, através das aproximações e afastamentos da voracidade e da luxúria em contraposição à pureza e a religião.

Como já dissemos, as relações entre Teodorico e as duas mulheres se estabelecem de forma comercial, ainda que indiretamente, nas quais a personagem masculina fornece luxo (no caso de Miss Mary) ou garantia de riquezas e as femininas lhe dão em troca amor sexual. É bastante interessante observar como se dá o encontro que inicia a relação amorosa entre o narrador e Adélia:

Depois ela quis saber se eu era empregado ou estava no comércio... Eu contei-lhe com orgulho a riqueza de Titi, os seus prédios, as suas pratas. Disse-lhe, com as duas mãos grossas presas nas minhas:

– Se a Titi agora rebentasse, eu é que lhe punha à menina uma casa chic!

Ela murmurou, banhando-me todo na negra doçura do seu olhar:

– Ora! o cavalheiro, se apanhasse o bago, não se importava mais comigo!

Ajoelhei sobre a esteira, trêmulo, esmagando o peito contra os seus joelhos, oferecendo-me como uma rês; ela abriu o seu xale; aceitou-me misericordiosamente.

(*idem*, p.72–73)

O jogo de sedução que se estabelece, ainda que transpareça certa inocência pelo modo despretensioso em que a conversa ocorre, pela posição dos corpos dos amantes e pelas palavras jocosas usadas pelos dois, marca também uma negociação entre Adélia e Teodorico: ela logo quer saber se ele tem dinheiro, ele logo responde com as possíveis riquezas que herdará de Titi.

O trecho é bastante irônico, já que após a transação financeira, disfarçada de flerte entre os dois, ele se apresenta submisso, colocando-se como uma vítima em sacrifício, e ela indulgente, aceitando a oferta. Esse jogo entre o caráter comercial e as referências religiosas da relação passa a impressão de que Teodorico está sendo enganado, mas, ao mesmo tempo, demonstra que ele está plenamente ciente da situação, porque na cena ele é ativo e se oferece, assim como o dinheiro de Titi. Ademais, reforça-se novamente o caráter satírico das relações que Teodorico estabelece, nas quais as características mais canalhas de ambas as personagens ficam em evidência, disfarçadas por palavras que remetem a um namoro puro e à religião, quebrando as expectativas do leitor sobre o romance entre os dois. Assim, ao mesmo tempo que deixa entrever novamente seu desejo sexual, o narrador faz parecer que o interesse financeiro de Adélia é a questão principal da relação entre os dois, reforçando os caracteres negativos da personagem feminina.

Em um outro momento, podemos observar o mesmo tipo de relação, de tipo comercial, se estabelecer com Miss Mary, ainda que através das palavras do narrador, julgando uma asserção aparentemente romântica feita pela moça inglesa:

- E – dizia Topsisus requebrando o olho – em toda a Alexandria só havia uma dama honesta, que comentava Homero e era tia de Sêneca. Só uma! Maricoquinhas suspirava. Que encanto viver nessa Alexandria, e navegar pela Canópia, numa barca toldada de seda!
- Sem mim? Gritava eu, ciumento.
- Ela jurava que, sem o seu portuguêsinho valente, não queria habitar nem o céu! Eu regalado, pagava o *champagne*. (*idem*, p.119)

Como podemos perceber, a reprodução da fala de Mary sobre viver luxuosamente em Alexandria, em contraposição à fala de Topsisus de que havia apenas uma mulher honesta naquele lugar e tempo, tem grande efeito irônico, pois incide diretamente sobre a personagem feminina, reforçando uma concepção negativa sobre a moral de Mary, como se afirmasse, por extensão de sentido, que ela não é honesta. Da mesma forma que seu desejo por luxo, a afirmação algo cômica, algo exagerada e romântica de que não habitaria nem o céu “sem o seu portuguêsinho valente”, reforça a aura negativa da personagem, caracterizando-a pela falsidade, como se o desejo de agradar para adquirir benefícios sobrepujasse um sentimento verdadeiro.

Já a fala do narrador finaliza com fecho de ouro a impressão de que Mary seria interesseira e falsa, pois a afirmação de que ele “pagava o *champagne*” faz parecer que ela o agrada por causa do dinheiro, marcando ainda mais a

mercantilização das relações entre homens e mulheres, as quais ele deseja ressaltar. No entanto, é necessário apontar que, no trecho citado, não podemos dizer que seja Mary quem fala diretamente, pois as vozes postas em diálogo são apenas as de Topsisius e Teodorico, enquanto a dela apenas é reproduzida pelo narrador, em discurso indireto, o que permite que ele selecione apenas aquilo que acentue o lado negativo do caráter feminino. Dessa forma, Teodorico também não é vítima de Mary, assim como não o é de Adélia, mas seleciona argumentos que escondem uma relação de poder entre eles, na qual ele utiliza o dinheiro com a finalidade de receber afetos. Assim, ao selecionar tais argumentos, ele convence o leitor de uma certa inocência frente às relações, colocando-se como uma vítima, como alguém engabelado pelas mulheres da sua vida, assim como ressalta a sua virilidade, sua sexualidade, como sujeito ativo e forte dentro das relações.

Por fim, o que completa a sensação de que o narrador é vítima de suas amantes é o fato de que, ao fim do relacionamento, Adélia e Miss Mary são mostradas como se fossem volúveis com relação ao amor prometido ao narrador. Adélia troca Teodorico por um homem mais novo por quem está realmente apaixonada e Miss Mary parte para Tebas com um italiano. No entanto, temos que remarcar que Teodorico sabia que as duas mulheres eram livres, pois o jogo amoroso que se estabelece entre eles deixava claro o caráter monetário e o tipo de relação que o caracterizava. Adélia, sem o contraponto do dinheiro, não precisa aceitar Teodorico, e Miss Mary se entrega àqueles que aparecem, seja por dinheiro ou por interesse amoroso, o que é favorecido por ter uma profissão, que garante maior liberdade, mas não a livra das dificuldades financeiras da vida de uma mulher solteira no século XIX. Essa liberdade de Mary também é encarada como perfídia por parte do narrador, o que nos fica evidente na conversa que ele tem com Alpedrinha, na viagem de volta ao Egito (*idem*, p.289), na qual descobre que os mesmos jogos de sedução amorosa usados consigo, foram usados por Mary no romance que teve com o criado.

Nos parece que Teodorico se relaciona com mulheres solteiras, livres, por vontade própria, que as procura para satisfazer sua luxúria, para afirmar sua sexualidade viril, o que o faria um cidadão livre frente aos seus leitores, mas também para esconder suas relaxações de Titi. A construção ambígua que faz das personagens, de anjo para mulher fatal, o que nos daria a aparência de que o narrador é vítima do feminino, é completamente desfeita pelo caráter monetário das relações, pois além de demonstrar o poder do dinheiro, escancara que Teodorico é um indivíduo ativo nas relações com as mulheres, que exerce poder a fim de satisfazer sua luxúria.

Dessa forma, a relação com foco monetário que se estabelece entre Teodorico e as personagens femininas, além de reforçar a condição feminina na segunda metade do século XIX, permite entrever o caráter dúbio do narrador que tenta se colocar como vítimas das mulheres e de Titi em sua condição de agregado, mas ao mesmo tempo deixa entrever uma enorme voracidade sexual que não pode esconder e o caracteriza de forma mais poderosa frente aos outros. Esse poder se dá pelo dinheiro que ainda não tem e que só irá conseguir se praticar a hipocrisia e o engano, que se espriam por toda a narrativa.

3. D. Patrocínio das Neves

Assim como Juliana, de *O primo Basílio*, D. Patrocínio das Neves é uma das personagens mais fortes de Eça de Queirós. Contrapondo-se às outras personagens femininas do romance, Titi corresponde perfeitamente ao estereótipo da solteirona, instituído no século XIX, como afirma Cécile Dauphin (1991), no trecho anteriormente citado. No entanto, ele é transformado em força opressora e simbólica pelo narrador. Séria, sombria, amarga, virgem ligada à Igreja, Titi é construída pelo narrador como essas mulheres que, para salvaguardar a respeitabilidade que o século XIX exigia, deveriam abrir mão de sua sexualidade e feminilidade.

No caso desta personagem, acreditamos que sua construção, baseada nos mais duros estereótipos de que se investe a mulher solteira naquele período, ultrapassa a negatividade que pode envolver a noção de feminilidade e sua negação, através da falta do marido e do casamento. Acreditamos que em Titi, além do grande monstro castrador construído pelo narrador, tome corpo a própria negação da sexualidade, tanto a feminina quanto a masculina, exigida pelas instituições sociais, principalmente a Católica, que submete o próprio corpo das pessoas, em especial, o feminino. Ademais, podemos dizer que na personagem encarna-se também a respeitabilidade castradora do dinheiro, poderio não muito comum às mulheres, que subsume a liberdade das pessoas, inclusive a sexual. Assim, Titi corporificaria o poder das instituições sociais e do dinheiro, contrariando a condição feminina. Dessa maneira, para mostrá-la como força castradora, Teodorico lança mão de imagens que remetem à negação da feminilidade e da sexualidade, tornando-a uma figura amedrontadora.

Logo no início do romance, o narrador irá contrapor a imagem romântica e casadoira de sua mãe, que aqui não apresentaremos, à imagem de mulher solteira e religiosa de Titi, afim de construir a imagem de solteirona terrível

que o perseguirá durante todo o romance. Portanto, como exemplo da representação que se cristaliza, marcando o modo como o leitor vê D. Patrocínio, temos a primeira vez que o narrador a encontra:

Numa sala forrada de papel escuro, encontramos uma senhora muito alta, muito seca, vestida de preto, com um grillão de ouro no peito; um lenço roxo, amarrado no queixo, caía-lhe num bioco lúgubre sobre a testa; e no fundo dessa sombra, negrejavam dois óculos defumados. Por trás dela, na parede, uma imagem de Nossa Senhora das Dores olhava para mim, com o peito trespassado de espadas.
 – Esta é a Titi – disse-me o senhor Matias – É necessário gostar muito da Titi... É necessário dizer sempre *sim* à Titi!
 Lentamente, a custo, ela baixou o carão chupado e esverdeado. Eu senti um beijo vago, de uma frialdade de pedra; e logo a Titi recuou, enojada.
 – Credo, Vicência! Que horror! Acho que lhe puseram azeite no cabelo!
 Assustado, com o beicinho já a tremer, ergui os olhos para ela, murmurei:
 – Sim, Titi. (Queirós, 2001, p.52–53)

Gostaríamos de ressaltar como a cena do encontro entre sobrinho e tia é lúgubre, assim como a imagem de Titi que é constituída. A mulher alta e muito magra veste-se de forma que nos lembra um altar fúnebre, misturando as cores preto, roxo e ouro, como se encarnasse o encontro do narrador com a própria morte. Além disso, toda a construção da personagem, neste momento, se desdobra em função de reproduzir sua virtude, mas ao mesmo tempo causar uma sensação de terror no leitor e no Teodorico criança. Assim, o “bioco”, palavra cujos sons lembram algo pesado, sombrio, é um mantéu que está ali para marcar a modéstia da senhora, escondendo completamente seu rosto, deixando entrever apenas seus olhos, despertando-nos uma imagem fantasmática. No seguir da cena, seus gestos lentos, frios, lembrando estátuas antigas incrustadas de limo, assim como sua cara magra, marcada pela cor verde, remarcam a construção da mulher como a corporificação da frialdade, que amedronta o menino Teodorico, cuja figura espectral o fará sempre dizer “sim”. Ainda que exista uma pequena humanização da personagem de Titi, através da expressão de nojo que esboça, o que restará é a frieza e o terror que a imagem causa.

Esquemáticamente, a representação que aqui aparece vai se repetindo durante todo o livro: a senhora será sempre seca, sombria, lúgubre e religiosa; Teodorico será sempre o que diz *sim* a Titi. No entanto, essa representação vai num crescendo em que o medo, a subserviência e o ódio do narrador vão se tornando mais claros. A figura seca, alta, lúgubre passa a ressequida, horrenda, odiosa, entre outros adjetivos, que nos dão a dimensão da abjeção que

o narrador sente por ela e que contamina o leitor, que acaba por concordar que ele é vítima da mulher. O ódio que a senhora tem pela luxúria e sua imensa religiosidade, que havemos de convir, é índice de sua respeitabilidade, porque é aquilo que se espera de uma mulher solteira no século XIX, expostas de forma superlativa pelo narrador, colocam-na como inimiga dele, mas também do leitor que *a priori* pode exercer sua sexualidade sem nenhum problema. Vejamos o que o narrador diz sobre o assunto:

Porque para a tia Patrocínio todas as ações humanas, passadas fora dos portais das Igrejas, consistiam em andar atrás de calças e andar atrás de saias; e ambos estes doces impulsos naturais lhe eram igualmente odiosos!

Donzela, e velha, e ressequida como um galho de sarmento; não tendo jamais provado na lívida pele senão os bigodes do comendador G. Godinho, paternais e grisalhos; resmungando incessantemente diante de Cristo nu, essas jaculatórias das *Horas da Piedade*, soluçantes de amor divino, a Titi entranhara-se, pouco a pouco, de um rancor invejoso e amargo a todas as formas e a todas as graças do amor humano. (*idem*, p. 76)

No trecho, podemos ver que, basicamente, o narrador contrapõe a tia, própria incorporação das regras sexuais impostas pelas instituições, principalmente a Igreja Católica, ao restante da Humanidade, de quem ele se aproxima. Teodorico reforça a desumanização das pessoas por parte da tia, que objetifica os homens e as mulheres em “calças” e “saias”, opondo a isso a naturalidade dos impulsos sexuais, sobre os quais ressalta o caráter positivo através do adjetivo “doces”. Nesse momento, o narrador lança mão do estereótipo clássico da solteirona, apelando para adjetivos que remarcam sua idade e falta de experiência sexual, assim como para a metáfora que a associa ao cipó “sarmento”, reforçando a sua feiura, sua magreza, mas também desumanizando-a, justificando assim a amargura da personagem.

Outra estratégia do narrador Teodorico para convencimento do leitor é mostrar que os únicos amores da personagem feminina são o pai, o comendador G. Godinho, e Cristo, associando-os sabiamente à sexualidade desviante, porque incestuosa ou sacrílega. No primeiro caso, ainda que o narrador associe o roçar de bigodes do pai na filha a algo sexual, deixa a situação um pouco dúbia, ao mostrar também, através da personificação do bigode que são “grisalhos e paternos”, que aquele amor não passa do carinho de um velho pai. No segundo caso, no entanto, a dubiedade desaparece e o amor da tia por Cristo parece apenas como sexual. Apesar de se iniciar por uma referência negativa, podemos dizer assexuada, como o resmungo da senhora, o trecho é marcado pela imagem do Cristo nu, talvez sexualmente desejável, na frente do qual

Titi soluça de amor divino, soluço que pode remeter a um simples choro, mas também ao descontrole corporal do gozo sexual, como se a senhora encontrasse uma forma de se satisfazer.

A religião, segundo o narrador aponta, permite que D. Patrocínio sublime sua sexualidade, pois o verbo “entranhar” assinala para a ideia de introduzir nas estranhas, remetendo à questão corporal das relações sexual. Mas ao mesmo tempo, dubiamente, o outro sentido do verbo, que é “arraigar”, junto aos complementos “rancor invejosos e amargo”, mostra que ela transforma o sentimento de desejo sexual em raiva por aqueles que praticam essa ação. Logo, realçando a necessidade sexual de Titi, a sublimação desse sentimento e a raiva que ele provoca, em contraposição aos sentimentos naturais e, poderíamos dizer, bonitos do restante da Humanidade, o narrador retoma sua estratégia de convencimento do leitor, alocando a Titi como alguém perverso, com uma sexualidade desviante, seguidora e impositora das regras das instituições sociais e patriarcais, cujo ódio não se dirigia apenas ao narrador, mas a todos aqueles que leem.

Essas características de Titi aparecem sempre subjugando Teodorico e a vivacidade de seu sangue. No entanto, as descrições não mostram que Titi é simplesmente assim, mas que Teodorico a fim de convencer o leitor do seu ponto de vista, mostra essa senhora assexuada, seca e rancorosa, mas que demonstra certo desejo sexual nas atitudes religiosa. Valendo-se do estereótipo da solteirona, Teodorico tenta convencer os leitores de que as atitudes que tem com a tia são plenamente justificáveis. Desejoso de herdar os bens da mulher para ser senhor de sua vida e, principalmente de sua sexualidade, age hipocritamente, dizendo sempre “sim” à Titi, mas fazendo tudo aquilo que deseja.

No entanto, o seu ódio é tanto que Teodorico não consegue esconder seu verdadeiro Eu ao leitor, chegando a imaginar que poderia matar a Titi para herdar seus bens, mostrando que Teodorico é capaz de tudo para ser rico, inclusive, enganar o leitor, colocando em xeque sua afirmação como vítima das mulheres, de D. Patrocínio e das circunstâncias:

Ah, estava mudada, estava bem mudada!... E ao espelho, cravando no cetim da gravata uma cruz de coral de Malta, eu pensava que desde esse dia ia reinar ali, no Campo de Santana, de cima da minha santidade, e que para apressar a obra lenta da morte – talvez viesse a espancar aquela velha. (*idem*, p.307)

O trecho, novamente bastante irônico, pois contrasta a imagem de santidade que acredita para si mesmo após a herança de Titi e o desejo cruel de bater

na senhora para apressar sua morte. Nesse trecho, Teodorico demonstra a violência de sua atitude e mostra que não existe moral no seu agir, independente daquele com que se relaciona, seja Adélia, Miss Mary, D. Patrocínio e poderíamos estender para Crispim, Jesuína... e o leitor. Se até esse momento da narrativa, a atitude de Teodorico se constituía num jogo em que reforçava o caráter negativo das personagens femininas, tentando convencer o leitor de que as suas ações estavam atadas pelo interesse monetário das amantes e pela força financeira e moral da tia, ao mesmo tempo que deixava entrever sua hipocrisia e violência simbólica, aqui o narrador sai da posição de vítima e mostra a necessidade de dominância que possui, assim como o jogo duplo que faz com todos a sua volta.

4. Considerações finais

Concluimos, então, que na superfície textual teríamos a representação de mulheres volúveis, vis e interesseiras, no caso de Adélia e Miss Mary, e da senhora virgem, amarga, assexuada, sem coração e extremamente religiosa, na figura de D. Patrocínio das Neves, das quais Teodorico seria uma vítima 'inocente'. Entretanto, quando olhamos mais de perto, podemos perceber que ao mesmo tempo que o narrador tenta convencer o leitor disso, utilizando-se de estratégia para mostrar o lado negativo da mulheres, deixa entrever o seu lado enganador e a necessidade de exercer o poderio, principalmente o sexual, que a sua posição de homem possibilita. Empregando o poder monetário e a hipocrisia, disfarçada em lábria e convencimento, consegue dar vazão à sua luxúria, ao desejo de afirmar sua masculinidade e ao poder que advém dela.

Assim, Eça de Queirós nos mostraria duas coisas importantes através da representação das mulheres feitas pelo narrador Teodorico: a ambiguidade que a caracteriza nos mostra que o narrador não é confiável e que talvez não devêssemos acreditar que seu relato é livre de interesses disfarçados, mas também que a representação das mulheres é feita de forma negativa, com a finalidade de garantir o poderio masculino. Desacreditadas em sua verdade, negativadas pelas posições masculinas, o que restaria é a opinião masculina sobre elas, sempre parcial, sempre opressiva. Enganador e autocentrado, Teodorico seria o retrato do arrivista social masculino do século XIX.

Referências

- CALDWELL, Helen (2002). *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*. Cotia–SP: Ateliê Editorial.
- DANTAS, Francisco (1999). *A mulher no romance de Eça de Queiroz*. São Cristóvão, SE: Editora UFS, Fundação Oviêdo Teixeira.
- DAUPHIN, Cécile (1991). Mulheres sóas. In: Geneviève de Fraisse, & Michelle Perrot (dirs.). *História das mulheres no ocidente. O século XIX* (= vol. IV). Porto: Edições Afrontamentos, p.477–495.
- QUEIRÓS, José Maria Eça de (2001). *A relíquia*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- REIS, Carlos (1999). *Estudos Queirosianos*. Lisboa: Editorial Presença.